

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITARIO DE URUAÇU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

AIDEE CINTIA JOSE TOLEDO AMERICO

A INDISCIPLINA ESCOLAR DESAFIO PARA O PROFESSOR: UMA
REALIDADE CONTEMPORANEA DO 5º ANO
ENSINO FUNDAMENTAL

URUAÇU-GO
2016

AIDEE CINTIA JOSE TOLEDO AMERICO

A INDISCIPLINA ESCOLAR DESAFIO PARA O PROFESSOR: UMA
REALIDADE CONTEMPORANEA DO 5º ANO
ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada a Universidade
Estadual de Goiás - UEG, Campus
Uruaçu para fins avaliativos da disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso II,
orientado pela professora Ângela Cristina
Júlio

URUAÇU-GO

2016

AIDEE CINTIA JOSE TOLEDO AMERICO

A INDISCIPLINA ESCOLAR DESAFIO PARA O PROFESSOR: UMA
REALIDADE CONTEMPORANEA DO 5º ANO
ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura Plena em
Pedagogia, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Uruaçu para obtenção do
título de Graduada, aprovado em__ _____, de 2016, com a nota
_____, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Esp. Ângela Cristina Júlio - UNIFRAN
Professora Orientadora

Prof.^a Ms. Márcia Mendes Marques Oliveira - UEG
Membro da Banca Arguidora

Prof.^a Esp Joscélina Borges Santana - FAFISPE
Membro da Banca Arguidora

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia socorro presente na hora da angústia. A todos os meus professores que se fizeram presentes durante esta caminhada em especial a minha orientadora Ângela Cristina Julio, e as minhas colegas de turma.

Agradeço a minha família: pai, mãe, irmãos, sobrinhos e amigos que me ajudaram direto ou indiretamente; agradeço em especial aos meus filhos e esposo que compreenderam as minhas faltas durante este tempo e a minha sogra que foi avó e mãe para meus filhos durante este curso.

Nada do que foi será do jeito que já foi um dia.
Tudo passa tudo sempre passará...

Lulu Santos

Resumo

A indisciplina na sala de aula é um problema para o professor, com o objetivo de chamar a atenção para a problemática de que ela se torna um desafio para o professor e que não existe uma receita mágica para resolução do impasse, cada professor precisa descobrir diferentes técnicas para contornar a situação, que vem sendo desfavorável para aprendizagem. O que se apresenta como justificativa para a discussão do tema é a necessidade dos docentes suscitar nos discentes descobertas através dos conteúdos que de sentido ao cotidiano dos alunos; o entrave é que o professor encontra-se perdido entre o velho e o novo sistema educacional, tradicionalista ou progressista, os mais velhos de docência possui um sentimento de saudosismo do que foi e os mais novos se sentem despreparados ou confusos entre a educação tradicional e a progressista. A metodologia utilizada procurou explorar a sala de aula do 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da rede pública nos períodos matutino e vespertino tendo como foco o professor e sua ação diante a indisciplina da sala. Para isso foi escolhido como instrumento de coleta de dados e entrevista semiestruturada realizada com professores A e B. As respostas obtidas fortaleceram a ideia de que cada professor deve primeiro conhecer seus alunos para descobrir métodos eficazes com relação à indisciplina.

Palavras-chave: Indisciplina. Aluno. Formação do Professor. Aprendizagem.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	08
1.1-Conceito de indisciplina.....	10
1.2-A indisciplina e o processo educativo.....	12
2-ANALISE DA INDISCIPLINA.....	21
2.1-Analise da entrevista.....	27
2.2-Considerações finais.....	29
3. REFERÊNCIAS.....	31
4. ANEXOS	
5. APENDICE	

1. INTRODUÇÃO

Existem várias teorias sobre a atuação do professor junto à organização da sala de aula. A indisciplina da sala de aula e o seu dia a dia ainda é tema para vários estudiosos que pesquisam sobre o assunto.

Os modelos pedagógicos adotados para esta metodologia atual ainda se remetem historicamente a herança deixada pelo caminho da colonização: O primeiro diz respeito aos conventos e mosteiros implantados por Anchieta e os Jesuítas e o segundo certamente foi inspirado na organização militar.

Esta pesquisa vem de encontro à busca de respostas a uma experiência pessoal onde assumi uma sala de aula por três meses. Foi uma experiência um tanto mal sucedida que provocou algumas inquietações, por ver tamanha indisciplina entre os alunos e certo despreparo por parte da escola num todo para lidar com a situação.

Por se tratar de substituição o que dá ideia de “bagunça” chegamos a pensar que era somente nesta turma, porém falando com outros professores e observando outras turmas percebe-se que tal indisciplina não representa um caso isolado.

A presente pesquisa visa analisar os motivos que vem levando a tanta indisciplina nas salas de aula, bem como fatores que desencadeiam esse quadro de desordem entre alunos. Espera-se nortear meios para ajudar o professor a reger sua aula com maior proveito por parte dos alunos.

Portanto a pesquisa busca encontrar respostas que possam auxiliar a classe docente que vem enfrentando nesses últimos anos esse desafio, tendo em vista que há algumas décadas atrás esta dificuldade de indisciplina a atrapalhar o desenvolvimento de uma turma, não acontecia. Hoje o problema começa na educação infantil, aonde as crianças pequenas já vem demonstrando sinais de indisciplina, que são mais fáceis do professor contornar, mas não deixa de ser um início deste processo conhecido como indisciplina. O referente trabalho será um ponto norteador para as possíveis soluções.

Para tanto diante do problema da indisciplina existente no ambiente escolar fica a pergunta: como os professores estão lidando com esta realidade? Estão sendo formados para agir sobre a mesma?

A trajetória que estamos desenvolvendo visa traçar um caminho para educadores que sofrem com a indisciplina posta na sociedade contemporânea, e busca possíveis soluções para facilitar aprendizagem nesse contexto.

Para o avanço da pesquisa será utilizado à abordagem qualitativa, está relacionada no levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população; é exploratória, portanto não tem o intuito de obter números como resultados.

Os recursos mais usados na pesquisa qualitativa são as entrevistas semiestruturadas em profundidade, observação em campo, que visa à compreensão das mudanças ocorridas na educação no âmbito disciplinar, bem como atitudes adotadas pelo professor na busca de possíveis soluções.

Ao discutir as características da pesquisa qualitativa, Creswel (2007, p. 186) chama atenção para o fato de que, na perspectiva qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador, o principal instrumento, sendo que os dados coletados são predominantemente descritivos. Além disso, o autor destaca que a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, ou seja, o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar "como" ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

Far-se-á uma abordagem dos diferentes olhares sobre indisciplina de diferentes autores bem como suas considerações e atitudes com relação ao tema; estudaremos alguns autores dentre eles Vasconcelos (1995) que entende a indisciplina a partir das mudanças ocorridas na família, escola e sociedade e Rebelo (2011) que atribui indisciplina ao modelo de "educação bancária" ¹ e acredita na "educação problematizadora" ² como possíveis soluções para o caso indisciplina.

¹ Paulo Freire elaborou o conceito de "educação bancária", onde o conhecimento é apenas transmitido para o educando e este deve absorver as informações sem questionar, o que o reduz à mero espectador, tornando-o um objeto do processo de ensino, porque não é capaz de exercer atividades básicas para qualquer sujeito.

² A educação problematizadora visa a uma transformação por ser uma educação crítica. Tanto o professor quanto aluno são mediados pelo mundo e pela realidade que o apreende e da qual extraem o conteúdo da aprendizagem.

Visando uma melhor compreensão da pesquisa, se fará um estudo de caso em uma escola municipal com professores do 5º ano, na busca de caracterizar e identificar o foco da indisciplina escolar, perceber a relação professor-aluno, bem como nortear possíveis soluções.

1.1- Conceitos de indisciplina

Para um entendimento do que é indisciplina precisa-se ter um conhecimento do que seria disciplina. Segundo Foucault (1997) a disciplina é uma forma de domesticação das crianças no século XVIII onde fazendo comparação com a sociedade Foucault diz ser o estado o professor, aquele que domina e o aluno, a classe dominada, submissa ao professor detentor da ordem.

Uma técnica de exercício de poder, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII, Historicamente as disciplinas existiam há muito tempo, na Idade Media e mesmo na antiguidade. Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens (FOUCAULT, 1997, p.105).

Segundo o dicionário, disciplina significa:

s.f.1.Regime de ordem imposta ou livremente consentida. 2. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.) 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre ou instrutor. 4. Observância de preceitos ou normas. 5. Submissão a um regulamento [...]

O conceito que traz o dicionário está ligado ao de Foucault, que disciplina é uma questão de subordinação. O que se difere do conceito trago por. O autor levanta a questão que o não cumprimento de acordos firmado entre professor e aluno e que desgasta e gera dificuldades no processo de aprendizagem e traz prejuízo para a relação professor-aluno.

O conceito de indisciplina é apresentado por Garcia (1999) em três planos de expressão: a indisciplina como conduta do aluno, como dimensão dos processos de socialização e como reflexo dos relacionamentos que os discentes exercem na

escola e no seu contexto de desenvolvimento cognitivo. Podemos encontrar ainda, segundo o autor, um quarto plano, no qual do lado da escola pode ocorrer alguma incongruência em relação aos referenciais assumidos, de tal forma que também a escola pode ser eventualmente considerada indisciplinada.

Com relação ao professor do século XXI que se ouve são reclamações: “Está difícil dar aula nesta turma”; Estes alunos hoje estão “encapetados”... Pode se dizer que a situação está crítica e a solução difícil de encontrar, para Vasconcelos (1995) sem disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo.

Uma vez que a indisciplina é um problema frequente, afeta a escola, o professor e os alunos principalmente e tem sido motivo de preocupação crescente nas instituições de ensino, pois os efeitos negativos não ocorrem apenas nessa relação, mas também no aprendizado e na socialização como afirma Aquino (1996).

A indisciplina é o pesadelo da maioria dos professores. Ela está sempre relacionada à agitação, a confusão e barulhos, ou seja, está ligada a uma ação que causa algum tipo de transtorno na aula e ao desvio comportamental do discente. Ela deve ser controlada imediatamente pelo professor para evitar que se transforme em uma desordem geral a sala de aula. (AQUINO,1996, p. 62)

Na área educacional procura-se e fala-se muito sobre disciplina, para ser preciso à falta dela. E para detectar a indisciplina precisa definir o que é disciplina? Autores debatem sobre essa questão embora os resultados sejam insuficientes para um bom desenvolvimento educacional.

A disciplina pode ser entendida diferentemente segundo a tarefa do mestre é considerada como de puro ensino ou de educação e segundo o aluno é considerada como uma simples inteligência a guarnecer de conhecimentos ou como um ser a formar para a vida. (WALLON,1997,p.367)

Um ser a formar para a vida, na visão de Vasconcelos (1995), pode ser um conceito distorcido uma vez que segundo o mesmo não existe um processo de civilização geral. Trata-se de um processo que ocorre a depender de outros fatores como: capitalismo, a divisão de classes sociais.

Para tanto a disciplina não está moldada a uma única fórmula, até porque cada professor interpreta e almeja disciplina de sua forma, no geral o sistema educacional está mais preocupado em conseguir adequar seus alunos a disciplina que transmitir conhecimento, e o que Vasconcelos (1995) chama de “A grande Farsa”, isto remete ao fato de o aluno ser disciplinado apenas na presença do professor.

Na compreensão de muitos professores, aluno disciplinado, é o que fica calado enquanto ele explica o conteúdo, não faz brincadeiras durante a aula, faz todas as atividades. Ou seja, comporta-se como quer o professor, que alcançado estes objetivos é taxado de bom profissional. Mas até que ponto silêncio é sinal de aprendizagem? Indagações de Vasconcelos (1995).

1.2- A Indisciplina e o Processo Educativo

A profissão docente enfrenta ao longo de sua história diversas situações desafiadoras, isso é reconhecido segundo Vasconcelos (1995) não apenas por quem faz da sala de aula o seu dia a dia, mas também pelos estudiosos que se debruçam sobre o assunto.

De modo geral, uma das grandes dificuldades apontadas pelos professores nos exercícios da sua atividade encontra-se diretamente ligada à indisciplina na sala de aula. Este parece ser um desafio transversal, atingindo os professores principiantes na carreira, como os mais experientes.

Mesmo sendo tão grave a indisciplina que aumenta a cada dia, em sala de aula e a preocupação é visível entre os docentes falta muito a se entender sobre o assunto. Entretanto, apesar de ser objeto de crescente preocupação, no meio educacional este assunto é, de um modo geral, superficialmente debatido. Além da falta de clareza e consenso a respeito do significado do termo indisciplina ou disciplina. (REGO,p.83).

Sabe-se que a educação tem como papel a socialização do indivíduo, para um bom relacionamento com a sociedade. Para tanto deveria ser vista como fundamental na vida de qualquer cidadão desde seu nascimento.

Em se tratando de educação escolar essa tinha sua importância há décadas atrás, era vista como processo de ascensão social, como meio de progredir na vida, o espaço escolar era visto segundo Vasconcelos (1995) com o máximo de respeito; segundo o mesmo, o educador tinha seu status era reconhecido como mestre, facilitador para uma vida melhor. Dayan (2015) possui a seguinte visão com relação à questão:

Existe uma distância cada vez maior entre o que se exige e o que se pode esperar. A promessa de emprego, que a escola dava no passado, não é possível de se imaginar na escola atual. Essa ausência de garantia permite duvidar da eficácia escolar e dos saberes que ela proporciona. (DAYAN,2015, p. 60)

A história da educação mostra que, educação como porta de entrada para uma vida melhor trazia comprometimento embora fosse muito difícil estudar, escola era para poucos devido às condições de vida; a sociedade era em sua maioria rural, mas os que tinham acesso à educação tratavam com muito respeito o professor.

Para Vasconcelos (1995) a crise da disciplina na sala de aula se encontra justamente na queda do mito da ascensão social através da escola. O espaço escolar não era mais agradável que os que temos hoje, mas o desejo de ascensão o tornará um lugar necessário.

Quando se fala da necessidade do estudo há anos atrás, nas escolas tradicionais refere-se a ir para escola para estudar. Hoje com tantas inovações no processo de ensino aprendizagem o professor não consegue desenvolver seu conteúdo de forma eficaz devido à indisciplina de uns e outros na sala que acabam por atrapalhar toda turma.

Na concepção de Aquino (1996) acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais. Isso se deve, particularmente, à complexidade do assunto, à marcante ausência de resultados de pesquisas, e também à multiplicidade de interpretações que o tema encerra.

Assim a educação que era forma de ascensão social de transformação do indivíduo para a construção da sociedade, passa a ser motivo de preocupação dos docentes uma vez que a indisciplina entre os alunos toma proporções alarmantes,

no cotidiano escolar, Vasconcelos (1995) alerta para os seguintes dados: há algum tempo a indisciplina era coisa de alunos a partir do 5º ano, hoje já se encontra salas indisciplinadas desde a educação infantil.

Retoma-se a Vasconcelos (1995) que afirma que a educação um meio que norteia para o convívio em sociedade, com pessoas e normas diferentes a escola precisa de regras para alcançar tais fins. Em consonância com este argumento, Taille (2002) analisa que.

Crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os 'limites' implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social a família, a escola, e a sociedade como um todo (TAILLE,2002,p.09).

Seria outro fator associado à indisciplina a falta de preparo do professor? Que por vezes deixa o aluno aquém do que acontece na sala de aula. Seriam aulas mal preparadas? Metodologias defasadas? Métodos que não envolvem o aluno e os deixam livres para gerar indisciplina, simplesmente por não sentirem o desejo de participar de aulas pouco atrativas, que não geram desafios. Atuação docente despreparada pode gerar indisciplina?

A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor (AQUINO, 1998, p.8).

Sabe-se que o processo de aprendizagem demanda a colocação do aluno no papel de ativo, o agir do aluno deve ser complementar a ideia do professor. Vasconcelos (1995), afirma que houve a necessidade desta inversão de papéis, do professor priorizar as necessidades do aluno, porém ele alerta para o perigo que esta inversão vem causando.

Muitos professores estão perdendo sua identidade, seu controle de sala nessa troca de papéis. Alguns caem no saudosismo, no meu tempo... Outros se

encontram desorientados, quer superar o velho, mas desconhece o novo, surgem dúvidas como: ser um professor tradicionalista³ ou progressista⁴? Um professor bonzinho ou carrasco? O que se sabe é que relação professor aluno deve ser construída diariamente como todas as relações sociais.

De um lado temos os educadores que só entendem educação através da ótica da repressão; e reagindo a esta concepção existem, no extremo oposto educadores que acreditam que o ato educacional tem como premissa como ponto de partida a liberdade total. (VASCONCELOS, 1956, p.29)

A visão do professor sobre sua ação pedagógica é extremamente importante para educação, uma vez que ele é o elo do conteúdo a ser aplicado, com o mundo. Não há sentido em estudar conteúdos sem saber onde aplicá-los deve haver um sentido que vai levar ao aluno ao interesse pelo conteúdo, e mais o conhecimento adquirido deve fazer sentido em sua vida social.

Não se trata simplesmente de transmitir determinados conteúdos socialmente acumulados pela humanidade; Trata-se, além disso, de inserir o sujeito no processo civilizatório, bem como na sua transformação tendo em vista o bem comum. (VASCONCELOS, 1956, p.33)

Este bem comum leva em consideração que o individuo vive em sociedade; e esta sociedade passa por um processo de alienação, consumismo e inversão de papéis. Pais, alunos e professores não conseguem definir seus objetivos com relação à educação, o aluno não reconhece as razões de ir à escola, o professor já não faz ligação do conteúdo que ensina com a diversidade de valores da atualidade, por sua vez os pais, que colocam a educação como imposição aos filhos, desconhecendo a real importância da escola, uns esperam que a escola transmita valores que eles deveriam transmitir, outros esperam que através da escola seus

³ A Pedagogia Tradicional é conhecida por não possibilitar uma maior interação entre o professor e o aluno,

⁴ A Pedagogia Progressista é no Brasil um paradigma educacional que propõe a transformação social por meio da educação.

filhos possam ter uma vida financeira melhor. E uma grande maioria está pensando no bolsa família⁵.

Porém eles estão lá “forçados” contra a vontade, submetidos a um mecanismo cego e incompreensível. E este processo automático e mecânico da alienação que torna a participação em sala de aula tanto do aluno como também do professor totalmente passiva. Dessa forma, podemos sintetizar a alienação das relações retratando o desejo imediato de cada participante do processo educacional. (VASCONCELOS, 1995, p.34)

Segundo a teoria Vygotskiana o indivíduo encontra-se envolvido desde o nascimento a construção de regras sociais que o envolve ao outro , quando esse processo norteador de conhecimento é interrompido ou mal formado, acontece à indisciplina com o indivíduo.

Assim se faz importante estar atento às atitudes e ações comportamentais do individuo em suas relações na 1ª infância, no tocante a atender a “voz de comando”. Este estar atento deve contribuir para a construção de um indivíduo obediente e autônomo. A teoria Vygotskiana já afirma que ninguém nasce disciplinado ou indisciplinado. Dayan (2015) coloca na falha dos pais, o professor como mediador dessa relação.

O professor tem que fazer o papel de mediador entre as crianças para que elas aprendam a conviver entre seus pares. Mas, além disso, ele depara-se até com a necessidade de ensinar as normas de conduta básicas, que deveriam vir da família. (DAYAN,2015, p.13)

A profissão de professor como afirma vários estudiosos passa por uma oscilação entre o velho e o novo, é uma busca constante por mudanças, porém um desconhecimento do novo, Dayan (2015) afirma que tudo isso traz uma redefinição do ofício do educador, que pode ser visto como uma nova profissão, que traz um problema de identidade do educador, onde o mundo mudou, o aluno mudou, mudou a relação escola-sociedade e ele continua o mesmo.

⁵ Bolsa Família é um programa do governo de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza.

O trabalho do educador passou por três etapas: na primeira, é visto como uma vocação e há uma insistência nas qualidades morais e no saber das diferentes disciplinas; na segunda, passa a ser um ofício, implicando saberes e técnicas apropriadas e, finalmente, na terceira, é descrito como a profissão que repousa na capacidade de juízo reflexivo de alto nível. (LESSARD e TARDIF apud DAYAN, 2015, p.109).

Assim seria o professor está em constante estudo na busca de novas metodologias para a realização do ofício. Dayan (2015) define a profissão de professor como um ofício complexo e diversificado, que exige diversas competências acrescenta ainda que esta mudança vem acontecendo devido à massificação do sistema de ensino, que busca uma finalidade da educação para com a vida do aluno.

O professor é o profissional da aprendizagem, peça absolutamente chave de uma sociedade intensiva do conhecimento, figura crucial dos processos formativos que implicam formação de caráter, da personalidade das pessoas. (DEMO apud VASCONCELOS 1995)

Contudo exigem do professor múltiplas competências Dayan (2015), afirma que apenas competências não bastam a um professor. Por competências e habilidades Rios (2010) define:

Competências são capacidades que se apoiam em conhecimentos. A capacidade de envolver os alunos em suas aprendizagens, por exemplo, vai requerer o conhecimento do desenvolvimento cognitivo dos alunos, o conhecimento do conteúdo que se vai leva ao aluno (RIOS, 2010, p.78).

Diante a questão posta em discussão, como ser e agir um professor contemporâneo? Manter o tradicional ou buscar o novo?

O educador deverá, como profissional reunir um conjunto de competências que o levem a elaborar conceitos e aplicá-los. O novo profissional deverá saber identificar um problema, apresentá-lo e encontrar uma solução. Esse modelo implica uma capacidade dinâmica para evoluir em função de situações e de contextos de ensino e, para isso, exige uma formação prolongada. (DAYAN, 2015, p.113).

Percebe-se que com relação à formação de professores é importante ressaltar que o docente deve se reconhecer como um profissional capaz de agir sobre a sua própria formação, estabelecendo uma parceria com os professores universitários e os professores que atuam na educação básica estamos tratando aqui do estágio supervisionado.

Mas como será que os futuros docentes estão lidando com a questão da indisciplina escolar em sua formação? Para respondermos essa dúvida Silva (2000), relata que um dos problemas enfrentados pelos alunos em formação, ao realizarem seus estágios é a questão da indisciplina dos alunos. Para o autor, a indisciplina é a situação que mais prejuízo causa para o desenvolvimento curricular satisfatório dos futuros docentes, e ainda existe um despreparo para lidar com tal indisciplina.

Estudos demonstram que os professores com menos experiência, além de possibilitarem inconscientemente a indisciplina, são menos eficazes na prevenção dos comportamentos inadequados dos alunos durante as aulas. Para esses autores, os alunos percebem a falta de experiência dos docentes e se arriscam a ultrapassar os limites propostos. (CLOES apud DAYAN 2015, p. 80).

Vários autores defendem que o fator que dificulta ainda mais o trabalho do professor é que muitas vezes, durante a sua formação, não recebe instruções de como lidar com a questão de falta de educação, com o desrespeito, com a violência que ocorrem nas salas de aula. Nas Universidades, em que se prepara para o exercício dessa profissão, o enfoque é para o plano de aula e para os conteúdos a serem trabalhados durante o ano letivo.

Esta indisciplina aqui analisada é um problema frequente, e afeta a escola o professor e os alunos em geral, e tem sido motivo de preocupação crescente nas instituições de ensino, pois os efeitos negativos não ocorrem apenas nessa relação, mas também no aprendizado e na socialização.

Seria então a necessidade dos cursos de licenciatura principalmente pedagogia trabalhar mais esta questão do preparo do futuro educador para lidar com indisciplina? Já que esta se faz presente nas maiorias das salas de aula, e traz tantas percas para o processo de ensino aprendizagem.

Dayan (2015), afirma que é importante ao professor ter estratégias de disciplinas na sala de aula, embora o tema seja pouco trabalhado durante a formação pedagógica.

Controlar a ordem na aula é uma das primeiras aptidões que o professor deve demonstrar, porque falhar neste ponto acarreta mais problemas e conflitos que fracassar na própria aprendizagem dos seus alunos... Se o professor souber responder, o incidente acaba caso contrario, a desordem se transforma numa indisciplina sem forma e que não acaba. (DAYAN, 2015, p.102)

Dentro da sala de aula bem como no espaço escolar, espera-se do professor muito mais que conhecimento sobre o conteúdo, percebe-se uma permanente atuação teatral, o profissional da educação está sempre em cena pronto a mudar de papel, de acordo com o que pedir o momento; varia de vilão a mocinho em um curto período de tempo tudo para tentar manter o controle da sala de aula.

Contudo a educação vem pedindo por socorro, no que diz respeito à indisciplina. Os professores já não sabem mais como lidar com essa dificuldade que tanto atrapalha o desenvolvimento da aprendizagem, e identifica-se a necessidade de mudanças.

Para este controle do professor necessita de uma tomada de decisão conjunta da equipe escolar o que segundo Vasconcelos (1995) não vem acontecendo por uma interpretação errada da “Educação Libertadora”⁶. Grande parte do corpo docente entende que devem paparicar os alunos, que eles sempre terão razão. Ainda segundo Vasconcelos (1995) o que precisa ser exigente são as aulas e não, separadamente, as normas ou as avaliações.

Diante das relações estabelecidas no ambiente escolar, sejam elas quais forem à autoridade estará sempre presente, cabendo ao docente utilizar essa autoridade de forma positiva em sala de aula e em todo contexto escolar. Para desenvolver esta relação de “autoridade positiva” o docente necessita encontrar na

⁶ A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é a prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

gestão escolar direção, coordenação, etc. apoio e as orientações necessárias para os desafios diários.

O professor com autoridade é também aquele que deixa transparecer razões pelas quais a exerce; não por prazer não por capricho, nem mesmo por interesses pessoais, mas por um compromisso genuíno com o processo pedagógico, ou seja, com a construção de sujeitos que, conhecendo a realidade, disponha-se a modificá-la em consonância com um projeto comum (LUNA, 1991, p. 69).

Seria a escola “falar a mesma língua” com relação à disciplina. Desenvolver combinados com os alunos, possíveis de serem cumpridos onde os mesmos também decidiriam sobre as regras, assim seria, mas fácil cumprir, manter parceria com os pais, a fim de ganhar aliados nesta árdua batalha, conhecer a realidade e o cotidiano dos discentes, uma vez que só podemos julgar o que conhecemos.

Afirma Dayan (2015) “Esta batalha a ser vencida a indisciplina escolar”, pode ser desencadeada nos seguintes níveis: sociedade, escola, professor e aluno não podem ser avaliados apenas em partes destes níveis, um interfere no outro como um processo de engrenagem.

2- ANÁLISE DA INDISCIPLINA

Sendo o conceito de disciplina para muitos a obediência, Vasconcelos (1995), alerta para o seguinte ponto: que disciplina é para o professor também, pois, de acordo com muitos professores disciplina para o aluno é ele estar motivado, fazer todas suas atividades. Pensando assim temos muitos professores indisciplinados, pois não tem motivação ao conduzir sua aula.

Como estamos pensando no desejo do aluno? Uma vez que muitos educadores pensam apenas em satisfazer seu desejo; ter uma turma disciplinada. E o aluno também não é um ser dotado de desejo? Ai segue uma disputa que não tem “vencedores, apenas perdedores”.

Precisamos colocar o problema em seu devido lugar. Mais uma vez a contradição comportamento/desejo do aluno x comportamento/desejo do professor é falsa. Não se trata de medir forças, nem estatutos, nem ver quem “pode mais”. Isto, aliás, é o que tem sido feito, infantilmente, por muito professores. Trata-se, isto sim, de redimensionar o problema; a questão central não está na disputa professor x aluno, mas sim na organização do trabalho coletivo em sala de aula para se realizar a construção do conhecimento, a educação. (VASCONCELOS, 1956, p.39)

Falando desta relação aluno, professor e indisciplina Rebelo (2011), traz outras análises de indisciplina e suas implicações no aprendizado e na relação professor-aluno. “a indisciplina está enraizada nas escolas devido ao modo de educação “bancária” citada por Paulo Freire como educação domesticadora, por reprimir a criatividade do aluno”.

Este método de educação bancaria, coloca o professor como detentor do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem, como depositante do conteúdo, e aluno é quem recebe passivamente o conteúdo da forma que é transmitido pelo professor. É o conhecido, e antigo “decoreba”.

Desta forma muitas vezes ao aluno não fica a oportunidade de participar do processo de ensino aprendizagem, o que pode contribuir para indisciplina, uma vez que o aluno não se sente como participante da sala de aula, onde reina a figura do

professor, ele se distancia deste processo agindo contra o sistema vigente com desordem.

Nesse tipo de educação não há construção de conhecimento em busca da transformação e superação das dificuldades sociais; pelo contrario, com o objetivo apenas de transmitir valores e conhecimentos de forma simplificada e fragmentada, esse tipo de ensino anula o poder criativo e participativo do aluno, contribuindo para que esse não se sinta sujeito capaz de participar do processo de construção histórica. (REBELO, 2002, p.48)

Outro processo que pode contribuir para com indisciplina escolar é a infinita procura por culpados, em uma situação que pode não haver um só culpado, mas uma engrenagem, onde quem sai perdendo é sempre o aluno.

Os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais que não dão limites aos filhos, que culpam os professores que não são competentes e a escola que não tem pulso firme, que culpa o sistema por não dá condições. (VASCONCELOS, 1995, p.54)

Será que deixar de lado o jogo de empurra-empurra citado por Vasconcellos (1995) é desistir de melhorar a educação no tocante indisciplina? Ou seria o caso de investigar as causas e casos, sem busca de culpados? Sendo causas e casos separados, distintos em se tratar de pessoas com suas diferenças, necessita-se de uma atenção diferenciada de busca de soluções por um ganho maior, a educação.

As causas que geram a indisciplina escolar podem ser internas ou externas, e com relação à organização familiar que é um ponto forte na questão da indisciplina escolar dos filhos, Dayan(2015), afirma o seguinte:

O divórcio, a droga, o desemprego, a pobreza, a moradia inadequada, a ausência de valores, a anomia familiar, a desistência por parte de alguns pais de educar seus filhos, a permissividade sem limites, a violência doméstica e a agressividade de alguns pais com os professores podem estar na raiz do problema. (DAYAN, 2015, p.55).

Isso é classificado pela autora como deficiência de moral, uma inexistência de transmissão de valores, onde a televisão cumpre o papel dos pais que segundo Vasconcelos (1995), estão alienados pelo consumismo, portanto escravos do trabalho em razão do ter; esta alienação segundo Dayan (2015) traz a permissividade aos filhos por uma questão de culpa interior dos pais.

Pede-se que os pais participem das reuniões escolares, que controlem o respeito de seus filhos pelo regulamento e que verifiquem se eles fazem a lição de casa. Por seu lado a escola compromete-se a assumir a tarefa do ensino. (DAYAN 2015 p.57).

Hoffmann (2013) concorda com a visão da autora acima, quando diz que “a escola é dada o papel de ensinar e aos pais o dever de acompanhar”. Souza (2008) discorda de ambas quando afirma.

Aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Sendo assim, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos. (SOUZA, 2008, p. 1).

Por vez Hoffmann deixa claro esta divisão de papéis entre escola sociedade e pais, citado por Souza (2008).

É direito e dever das famílias “acompanhar!” a escolarização dos filhos? As famílias brasileiras têm direito a uma escola de qualidade? Resposta afirmativa para as duas pergunta. O que não transforma os pais em “profissionais da educação” ou lhes dá a formação/competência necessária para decidir sobre ações pedagógicas. Muito menos a sua ‘cobrança “encontrará algum eco se o corpo docente não for de qualidade”. (HOFFMANN, 2013, p.42).

Porém o que temos ouvido da maioria dos professores é o desinteresse dos pais na vida escolar dos filhos, Dayan (2015), classifica isso como despreparo dos pais para cumprir seus papéis junto aos filhos.

Família, uma referencia indiscutível para promover e desenvolver valores humanos nos jovens. Nesse sentido, muitos profissionais lamentam a pouca colaboração dos pais, que só se interessam nas

notas e na aprovação das crianças para o curso seguinte. (DAYAN, 2015, p.59).

Entende-se que para uma melhor relação entre pais que contribuem para a vida, bem como a escolar de seus filhos, Vasconcelos (1995), coloca questões como: estabelecer e cumprir limites com os filhos, superar a oscilação entre a permissividade e o autoritarismo, sempre que dizer não, explicar em seguida o porquê, o sim será sempre sim, e o não será não.

Com relação pais e escola, Vasconcelos (1995), sugere que os pais valorizem a escola e os estudos, acompanhe a vida escolar privando sempre pela qualidade do ensino, apoie sempre sem saudosismo as mudanças da escola, diante um conflito com a escola procurar sempre manter o dialogo,segundo o mesmo está é a receita mágica do bom relacionamento entre pais, filhos e escola.

Esta sugestão de Vasconcelos (1995) vem de encontro à ideia de definição de papéis citado por Hoffmann (2013 p.44) “Pais e professores devem redefinir o papel que de fato lhes cabe na luta por uma educação de qualidade para milhares de crianças e jovens destes pais”.

Por vez não seria escola e família juntas responsáveis pelo futuro do aluno, envolvendo no processo pedagógico, sendo estas as instituições que estão presentes durante a formação do cidadão em que a criança irá se tornar?

Na busca de encontrar possíveis soluções para a problemática da indisciplina na sala de aula optamos por uma pesquisa de campo, pesquisa qualitativa que se distingue de abordagens jornalísticas, ou de leituras pessoais imediatistas e subjetivas dos relatos orais.

Já que o nosso foco é o professor e sua ação na sala de aula, principalmente quinto ano das séries iniciais do ensino fundamental, selecionamos uma escola local e seguimos as técnicas propostas para a observação e em seguida a realização de entrevistas com os gestores das salas de aula, diretamente envolvidos. Segundo André (1983), Estudos metodológicos vem afirmando que o formato da entrevista, bem como o tipo de registro observacional, determina de maneira muito estreita a análise de dados que é possível e adequado fazer.

Uma vez definido o núcleo da pesquisa estruturamos o roteiro com tópicos gerais selecionados e elaborados de tal forma a serem abordados com todos os

entrevistados. A escola selecionada possui uma turma de 5º ano no turno matutino e uma no turno vespertino.

Sendo assim o nosso roteiro foi o mesmo para os entrevistados, onde chamaremos o matutino de professor “A” e o vespertino de professor “B”. A partir da utilização da técnica foram definidas algumas perguntas gerais.

1- Quanto tempo tem como professor?

Professor “A”- 3 anos.

Professor “B”- 27 anos

2- Quem é mais indisciplinado? Meninas ou meninos.

Professor “A”- meninos são mais indisciplinados, segundo o mesmo as meninas são mais maduras e responsáveis no geral. Os meninos são mais infantis.

Professor “B”- meninos são mais indisciplinados, raramente encontra uma menina indisciplinada, por vez os meninos gostam de “aparecer” nesta fase.

3- O que o professor entende por indisciplina?

Professor “A”- desrespeito no geral, tanto para com o professor quanto para os colegas de sala, desobediência às regras, não querer participar das aulas.

Professor “B”- um ato fora das normas estabelecidas na sala de aula, atos que tira a atenção dos outros.

4- Quais as ações em sua sala de aula que mais indicam indisciplina?

Professor “A”- eles não obedecerem às regras, dizer palavrões, atrito físico, bullying.

Professor “B”- conversa entre eles, bullying e provocações.

5- Quais as ações do professor para sanar as ações de indisciplina?

Professor “A”- dialogo com a turma e individual, procura conhecer o seu aluno, e procura também passar atitudes corretas de como o aluno deve agir.

Professor “B”- envolve o corpo docente, conversa com os pais.

6- Em sua opinião é necessário envolver outros setores da escola para controlar a indisciplina na sala de aula?

Professor "A"- sim.

Professor "B"- sim a coordenação geral.

7- Que ação você considera medida extrema para solucionar problema de indisciplina? Quando foi que precisou usa-la?

Professor "A"- não permitir que o aluno participe da aula de educação Física. Quando não fazem as atividades ou cometem outros atos de indisciplina.

Professor "B"- Transferir o aluno de escola. Após ter feito vários relatórios e reuniões com os pais e o problema de indisciplina não ter sido solucionado.

8-A indisciplina atrapalha a aprendizagem?Qual índice?

Professor "A"- sim. 70%%.

Professor "B"- sim. 90%%.

9- Qual o envolvimento da família na questão, para busca de soluções?

Professor "A"- muito pouco envolvimento, os pais comparecem em reuniões são os que menos precisam em relação à indisciplina dos filhos.

Professor "B"- envolvem pouco.

10- O que gera a indisciplina na sala de aula?

Professor "A"- aula mal preparada, conteúdos que não atinjam os alunos, falta de comprometimento dos alunos e pais com a escola.

Professor "B"- o aluno já vem indisciplinado de casa, não tem limites, penso que aulas ociosas não geram indisciplinas.

11-Durante sua formação, você foi orientado sobre como lidar com a questão da indisciplina? De que forma?

Professor "A"- sim. Houve teoria, mas pouca prática.

Professor “B”- Houve debates entre os acadêmicos e professores com troca de experiências.

2.1-Análise da Entrevista

Existe uma diferença de tempo de docência entre os professores observados porém ficou evidente durante o processo da pesquisa que professor “A” com apenas três anos de docência tem mais paciência para com os alunos e conduz suas aulas com mais entusiasmo. É interessante quando eles afirmam que meninos são mais indisciplinados que as meninas, que na maioria não levam os estudos a sério, ou seja, meninos são mais imaturos que as meninas nesta fase.

A pergunta número três ambos entendem a indisciplina como o aluno dizer palavrões, agredir fisicamente o colega. Foram unânimes e se mostraram preocupado com a questão do bullying, que segundo eles tem crescido muito e gerado muita indisciplina na sala de aula, outro fator e a quebra das regras construídas pelos próprios alunos juntamente com os professores, o que segundo Vasconcelos (1995) se faz importante, para eles se sentirem envolvido no processo.

Chama à atenção o complemento do professor “A” que diz que na sua concepção o aluno que não conversa, não levanta, mas também não participa da aula, comete o caso mais grave de indisciplina, o que confirma a ideia de Aquino (1996), que aluno indisciplinado não é somente aquele que levanta, grita, mexe com o colega segundo o mesmo “existe vários tipos de indisciplina”.

A pergunta cinco trás uma diferença de metodologia entre os professores, onde professor “A” defende o campo do diálogo na perspectiva de conhecer para ajudar. (DAYAN, 2015.p 109) “Um bom professor é aquele que lembramos com um sentimento de prazer vinculado a uma relação que vai além das funções de aluno e educador, e que se apoia sobre uma ligação afetiva”. O professor “B” segue a tese de Rebelo (2011), trabalha em conjunto com a direção e os pais. Com relação à questão seis, ambos concordam que há necessidade de envolver a gestão da escola nos casos de indisciplina, porém com a diferença que o professor “A” acredita que o sistema educacional tenha que providenciar um novo cargo, uma pessoa capacitada

que envolvesse com os casos mais graves da escola como os de indisciplina extrema, esta pessoa envolveria família, escola, professor e a criança na busca de soluções.

Perguntamos sobre uma medida extrema tomada pelos professores com relação à indisciplina o professor “A” trouxe uma questão a ser discutida, privar o aluno da aula de Educação Física, segundo o mesmo eles têm mais medo de ficarem sem tal aula, que de chamar seus pais na escola; mas a aula de Educação Física não faz parte do currículo educacional? Professor “B” afirma que foi a transferência, após vários relatórios em atas e comunicados aos pais.

Questionados sobre uma porcentagem em que a indisciplina atrapalha a aprendizagem o professor “A” disse que chega a 70% enquanto que o professor “B” 90%, percebe-se aí a forma já mencionada com que cada professor trabalha com sua turma. A questão nove tratamos do envolvimento da família na questão da indisciplina para busca de soluções, pode-se observar através dos relatos do professor “A” o despreparo dos pais ao serem chamados na escola por indisciplina dos filhos, despreparo este já citado por Dayan (2015) como “deficiência moral”, confirmado pelo professor “B” na pergunta dez, onde ele afirma que os alunos já vem indisciplinados de casa.

A pergunta dez nos trás outra divergência entre os professores. O professor “A” diz que o que gera indisciplina na sala de aula são aulas mal preparadas, conteúdos aquém dos alunos dentre outros fatores, Já o professor “B” discorda que aulas ociosas possam gerar indisciplina. Esta visão do professor “B” vai contra a teoria de Piaget citada por Dayan (2015), o professor deve deixar de ser transmissor de saberes já elaborado e tornar-se um mediador da tarefa construtiva do aluno.

Com relação à formação acadêmica, ambos concordam que foi pouca prática e alguma teoria, e no caso da indisciplina segundo eles só na prática para saber que teoria seguir já que não existe um caminho apenas a seguir, uma vez que cada aluno é um indivíduo único. Dayan (2015), afirma o seguinte: "A experiência manifesta-se nas palavras e condutas do educador, o educador é, portanto, um aprendiz permanente".

2.1-Considerações Finais

Essa pesquisa partiu do princípio de descobrir o que causa a indisciplina o que contribui para que ela exista em sala de aula, e como o professor deve agir para a melhoria da qualidade de ensino e conseqüentemente o avanço do ser humano e da capacidade de transformar a sociedade em que vive.

A pesquisa teve como preocupação primeira a problemática de quais fatores que contribuem para a indisciplina escolar. No desenvolver desta, ficou visível que alguns fatores podem gerar a indisciplina: valores familiares, história de vida; tipos de personalidade; professores sem metodologia, inseguros, autoritários, agressivos, ou rigorosos demais; desinteresse dos pais pela vida escolar dos filhos, bullying entre os colegas, rotulação negativa do professor de um aluno ou outro, não se confirmou durante a pesquisa a afirmação de Cloes apud Dayam 2015 de que professores inexperientes estão sujeitos a gerar mais indisciplina na sala de aula; mas que o professor que utiliza uma ação errada em sala pode ocasionar muita indisciplina.

Fica claro que a indisciplina chega a agredir o desenvolvimento da aprendizagem. É necessário que o professor busque práticas que amenizem este problema, como buscar conhecer seus alunos, sua história de vida, muitas vezes o professor prefere não conhecer pelo medo de não poder ajudar, mas o fato de conhecer o aluno, sua história o ajudará a entender melhor a questão da indisciplina que este aluno trás consigo.

Ao professor cabe também inserir o aluno no cotidiano da sala, principalmente os indisciplinados, pois autores comprovam que alunos que não se encontram ou que são ignorados no espaço escolar tendem a se rebelar com atos de indisciplina.

Outro fator é a família, responsável primeira pela educação dos filhos dando-lhe a base de uma vivência em comunidade com regras, direitos e deveres, esta precisa ser parceira da escola, como diz Hoffmann (2013) tendo em vista seu real papel dentro da instituição de orientar, acompanhar e educar seus filhos, respeitando o papel do professor, ensinar, instigar a produção de conhecimento e formar para a sociedade, caso contrário mesmo criando subsídios que ataquem a

indisciplina e não tendo o apoio da família que é à base de uma boa educação o professor não terá grandes êxitos no combate da indisciplina escolar.

A pesquisa mostrou uma grande desvalorização dos pais pela escola dos filhos, em outros casos um despreparo por parte dos pais para ajudar o professor, gerando mais revolta e em consequência indisciplina no aluno. Registro aqui um caso citado por um dos entrevistados, em que chamando o pai na escola para buscarem juntos uma solução para o comportamento inadequado do filho, o pai agrediu violentamente o filho, na frente de todos.

Os professores “A” e “B” evidenciaram em seus depoimentos que a prática é mais importante que a teoria, dando a impressão de que cada uma tem vida própria. No entanto, na realidade não é assim, pois a prática, tomada como autossuficiente, não passa de mera técnica.

Sendo assim, compreendo que a formação inicial dos professores deve ser contínua, deve incluir conteúdos que valorizemos saberes da experiência prática dos professores, ou seja, saberes que os profissionais incorporem e utilizem para lidar com a indisciplina, em função dos limites e recursos que lhes são possíveis nas atividades de trabalho; seria a instituição formadora incorporar as teorias, práticas relativas com a realidade a ser vivenciada pelo futuro profissional.

Em suma, o problema da indisciplina, em sua complexibilidade, representa um desafio para os professores, tanto para iniciantes quanto para veteranos. Acredito que a partir de um processo reflexivo e contínuo entre educadores, se libertando do saudosismo de tempos atrás, buscando práticas e metodologias diferenciadas, podemos encontrar novos caminhos que possibilitarão à escola tornar-se espaço de participação, diálogo e produção do conhecimento, realçando o seu verdadeiro papel e sentido.

3. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. (1983). **Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos**. Cadernos de Pesquisa, (45): 66-71.

ANTUNES, Celso; **Professor bonzinho = aluno difícil**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

AQUINO, Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

CRESWEL, J. W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAYAN PARRAT, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Julcal-**Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2015

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto, 2002.

FOUCAULT, M; **Vigiar e Punir**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes. 1997

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108,

HOFFMAM, Jussara; **Avaliar respeitar primeiro, educar depois**. 4ª Ed, Porto Alegre. Mediação 2013

LUNA, S.; DAVIS, C. A Questão da Autoridade na Educação. In: **Caderno de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

REBELO, Rosana Aparecida Argento; **Indisciplina Escolar causas e sujeitos**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes. 2011

REGO, Teresa Cristina. A indisciplina e o processo educativo: **uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p.101-127.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar. Por uma docência da Melhor qualidade.** 4ª ed. São Paulo, CORTEZ, 2010

SILVA, Nelson Pedro; **Ética indisciplina e violência nas escolas.**Petropolis:Vozes.2000

SOUZA.A.P.**A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional.**Disponível em <http://www.rieoei.org/1821.htm> Acesso em 24 de outubro de 2016.

TAILLE, Yves de. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** In. 2002.

VASCONCELLOS, Celso; **Disciplina Construção da Disciplina Consciente Interativ Sala de Aula e na Escola.**São Paulo,1995.

WALLON, Henri; **Psicologia e Educação da Criança.** Lisboa, Veja.1979

APENDICE

1- Quanto tempo tem como professor?

2- Quem é mais indisciplinado? Meninas ou meninos.

3- O que o professor entende por indisciplina?

4- Quais as ações em sua sala de aula que mais indicam indisciplina?

5- Quais as ações do professor para sanar as ações de indisciplina?

6- Em sua opinião é necessário envolver outros setores da escola para controlar a indisciplina na sala de aula?

7- Que ação você considera medida extrema para solucionar problema de indisciplina? Quando foi que precisou usa-la?

8- A indisciplina atrapalha a aprendizagem? Qual índice?

9- Qual o envolvimento da família na questão, para busca de soluções?

10- O que gera a indisciplina na sala de aula?

11- Durante sua formação, você foi orientado sobre como lidar com a questão da indisciplina? De que forma?

ANEXO

